

A Colônia São Pedro de Alcântara (SC): suas origens

Moacir Schürhaus

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

moacirs@grad.ufsc.br

Resumo: Este artigo visa apresentar a imigração germânica para o estado de Santa Catarina, especialmente relativa à colônia de São Pedro de Alcântara. Pretende-se analisar o contexto da imigração germânica tanto na Alemanha como no Brasil e pontuar alguns eventos que nos fazem entender as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes aqui no Brasil.

Palavras-chave: imigração germânica, colonização, Santa Catarina.

Title: São Pedro de Alcantara (SC) Colony: origins

Abstract: This article aims to present the immigration of Germans to the Santa Catarina State, especially concerning the São Pedro de Alcântara colony. We intend analyze the German and the Brazilian context of immigration and punctuate some facts occurred in the colony, to the understanding of the difficulties faced by those immigrants in Brazil.

Key words: German immigration; Colonization; Santa Catarina

Ao lançarmos um olhar sobre a história de Santa Catarina, nos deparamos com o fato histórico da colonização. Essa colonização não foi tarefa fácil para homens e mulheres chegados dos recantos da Europa que se industrializava vertiginosamente e alijava seus mais desfavorecidos habitantes, até mesmo do mais básico meio de sustento para si e suas famílias. Ao chegar aqui, os imigrantes conheceram uma realidade talvez não menos dura do que a encontrada na Alemanha. A de um império que buscava assentar bases sólidas e que, para isso, precisava de pessoas para povoar, defender o território e lavrar a terra.

Podemos fazer alguns questionamentos. Primeiro, por que eles saíram da Alemanha? Que forças econômico-sociais os impeliram a tomar o rumo de uma pátria tão distante e desconhecida? Por que esses imigrantes se dirigiram para o Brasil? O que se passava no recém-formado império que possa explicar a vinda dos alemães? E, por último, como foi a chegada e como foram os primeiros tempos desses imigrantes germânicos em Santa Catarina?



Após esses questionamentos, definimos o objetivo deste artigo: estudar o contexto da imigração germânica em São Pedro de Alcântara em seus primeiros tempos e verificar o seu sucesso, apesar de algumas adversidades iniciais.

Faz-se necessário um recorte temporal: o período de 1808 a 1854, período em que desenrolaram os principais fatos ligados à fundação de São Pedro de Alcântara.

Dando início ao estudo, veremos primeiro o contexto da Alemanha na época em que começaram as imigrações.

A Alemanha no começo do século XIX passava por profundas transformações. Com a chegada da Revolução Industrial na Alemanha, o sistema feudal em que os camponeses detinham uma posse comunal da terra, e o usufruto comum de bens coletivos, começou a ser desmantelado. A ordem capitalista de propriedade privada e o trabalho assalariado se impunham cada vez mais nos estados alemães daquela época.¹ Essa situação acabou gerando uma massa de trabalhadores muitas vezes desempregados, causa de iminentes rebeliões.

A Alemanha nessa época ainda não era unificada, sendo fragmentada em inúmeros estados independentes. A obra de unificação foi levada a cabo por Otto von Bismarck, em 1871.

Diversos fatores podem ser considerados causadores da imigração alemã para as Américas, mas parece que o “estopim” desse grande movimento populacional foi econômico:

Vários fatores foram responsáveis pela grande imigração dos alemães durante o século XIX, como, por exemplo, perseguições políticas e religiosas, dificuldades sociais e uma necessidade muito grande de melhoria de vida. Mas os motivos para o “abandono definitivo da pátria”, o “empurrão” final, foram as más colheitas, o aumento dos preços dos alimentos, a fome que isto provocou nas camadas mais pobres da sociedade, os impostos pesados cobrados pelos proprietários de terra, as guerras e o serviço militar².

Essas causas estavam profundamente ligadas a modificações na estrutura socioeconômica da sociedade alemã, influenciada pela Revolução Francesa. A indústria só se desenvolveu depois que houve um excedente de mão-de-obra no campo. Isso só foi possível com o uso de técnicas mais racionais de cultivo agrícola. Contribuiu também para essa modificação a destruição do sistema feudal, libertando os camponeses dos laços de servidão. Assim surgiu uma mão-de-obra assalariada que pôde ser absorvida pela indústria nascente.³

¹ JOCHEM, Toni Vidal; ALVES, Débora Bendocchi. **São Pedro de Alcântara: 170 anos depois. 1829-1999.** São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p. 10.

² *Ibidem*, p. 10.

³ Imigração alemã no Brasil. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 2 jul. 2007.



Com a Revolução Francesa, em 1789, surgiu uma nova ordem na Europa, a capitalista e burguesa. No entanto, na Prússia, essas modificações foram feitas sem revolução. Simplesmente através de decretos e leis, os senhores feudais se transformaram em empresários capitalistas, e os servos, que lhes eram dependentes, se tornaram por sua vez em trabalhadores assalariados:

A servidão ou semi-servidão foi substituída, a partir de 1811, por uma quantia em dinheiro ou pela entrega da terceira parte ou mesmo da metade das terras dos servos aos antigos proprietários. Como nem todos os camponeses tinham como pagar aos seus antigos senhores, acabaram perdendo uma parte das suas propriedades. A terra passou a ser um bem negociável, as limitações de sua venda e compra foram suprimidas, as terras comunais (florestas e pastos) foram, a partir de 1821, cercadas e divididas⁴.

Muitos camponeses ficaram sem o direito ao uso dos bens coletivos. Ficaram, “de uma hora para outra, desprovidos de tudo”⁵. Houve uma expansão do latifúndio, com o cercamento das terras comunais. A estrutura social nos campos da Alemanha passou ser composta de: a) latifundiários; b) camponeses pequenos proprietários; c) trabalhadores rurais sem terra. Na Prússia, havia 2 milhões de trabalhadores rurais sem terra no ano de 1849.

A partir de meados do século XVIII, houve um aumento demográfico. No entanto, não houve um aumento da produção de alimentos que compensasse essa explosão demográfica. Então começou a haver um excedente de mão-de-obra que não estava sendo absorvido pela indústria alemã. Nas áreas não industrializadas a situação era pior. A única solução parecia ser a imigração em massa dos trabalhadores pobres para que houvesse o alívio da tensão social existente.

Um outro fator de dificuldades foram os impostos criados por Augusto Hardenberg (1750-1822): o imposto sobre o consumo (1819) e o imposto de classe (1820). Este último obrigava cada cidadão a pagar um valor correspondente à sua classe social. Muitos camponeses abandonaram as suas terras, porque não conseguiam pagar esses impostos.⁶

Houve um outro agravante que contribuiu para o aumento do número de pessoas em situação de miséria na Alemanha. De acordo com as leis de herança, os pais eram obrigados a dividir suas terras entre todos os filhos. Com o passar do tempo, as propriedades se tornavam muitas pequenas a ponto de a produção não ser suficiente para o sustento da família. Em outras regiões, a herança passava apenas ao filho mais velho ou ao mais novo, obrigando os outros filhos a procurarem emprego nas indústrias ou a emigrar.

⁴ JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 11-12.

⁵ *Idem.*

⁶ *Ibidem*, p. 15.



Assim, vários fatores socioeconômicos influenciaram para que os alemães deixassem seu país de origem em direção a outras terras.

O Brasil, em princípios do século XIX, logo após a independência, procura se afirmar como nação. Para isso era preciso, entre outras coisas, garantir a posse do seu território. Havia imensas áreas pouco povoadas, e o sul do país não era uma exceção. Nessa região, ainda havia o agravante de que em muitas épocas de sua história seu território foi contestado, ou pela Espanha, ou pelos estados que herdaram o domínio nessa parte da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai).

Havia também o interesse de se criar uma classe média de agricultores baseada no trabalho livre, na policultura e em pequenas propriedades.

D. João VI, quando chegou em 1808 ao Brasil com a corte portuguesa, incluiu no exército mercenários de origem portuguesa, inglesa, alemã e irlandesa. As elites eram avessas à idéia de um exército formado de escravos negros e mulatos. Também existia a intenção de aumentar a população branca, para que aos poucos fosse maior que a população negra e mulata.

A maioria dos imigrantes se dirigia aos EUA, enquanto uma pequena parte ia para outros lugares, como o Brasil. Se não fossem os incentivos dados para os imigrantes alemães, como passagem gratuita para o Brasil, concessão de um lote de terra, “além de bois, cavalos, vacas, ferramentas, sementes para plantar e um subsídio diário até que a sua terra passasse a produzir”⁷, ainda menos imigrantes alemães teriam vindo para o Brasil.

No entanto, essa ajuda foi cortada pelo Império com a Lei Orçamentária de 15 de dezembro de 1830, no seu artigo 4: “Fica abolida, em todas as Províncias do Império, a despesa com a colonização estrangeira”. Apenas em alguns casos, o governo continuou a subsidiar as passagens de colonos que se dirigiram para o Brasil através de particulares ou de companhias de colonização que tinham feito contratos com o governo.⁸

A questão religiosa, além da falta de apoio financeiro, foi uma das causas para que os alemães não viessem em grande quantidade para o Brasil. A Constituição de 1824 permitia a imigração de pessoas de outros credos religiosos além do católico. Os luteranos que vinham para o Brasil não podiam construir seus próprios templos, e seus casamentos não eram reconhecidos pela lei brasileira de então, nem os filhos dessas uniões. Isso gerava um descontentamento entre os colonos.⁹

⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁸ *Idem*.

⁹ *Ibidem*, p. 23.



O governo tentava atrair de alguma forma imigrantes para o Brasil, embora as condições políticas nem sempre fossem favoráveis. Apesar das dificuldades, o governo imperial conseguiu fundar várias colônias no Brasil. Uma delas foi São Pedro de Alcântara.

O açoriano lançou as bases de uma sociedade, com uma cultura ainda hoje presente. Houve, no entanto, um relativo fracasso da agricultura açoriana no litoral catarinense. Os governadores da então capitania de Santa Catarina almejavam remediar essa situação.¹⁰

No sentido de efetivar-se o crescimento populacional e econômico de Santa Catarina, o governo provincial vislumbrava apenas um caminho: aumentar a imigração. Deu-se então início à atividade de imigração de colonos não lusos para a província.¹¹

A colônia de São Pedro de Alcântara foi fundada na antiga estrada que liga Lages a Florianópolis. Essa estrada começou como um caminho aberto em 1787 por Antônio José da Costa e mais dois homens armados, 12 escravos mais sete bestas de carga. O caminho seguia pela margem esquerda do rio Maruim e depois pela mata virgem subia a serra até Lages.¹² O coronel Manoel Soares de Coimbra idealizou a instalação de duas colônias militares ao longo desse caminho, para reforçar a defesa da capitania contra eventuais invasores, principalmente os espanhóis:

O Governador da Província de Santa Catarina, Coronel Manoel Soares Coimbra, movido pela sensatez, elaborou, estrategicamente, um plano defensivo para a Ilha de Santa Catarina, planejando a instalação de núcleos coloniais às margens do referido Caminho-de-Tropas para Lages. Os planejados núcleos coloniais seriam constituídos por soldados casados e por lavradores, tendo em vista fins militares. Concebia-se que os militares, constituídos em colônia, além de afugentar os gentios, dedicar-se-iam às tarefas agrícolas e bélicas, constituindo-se em potenciais mecanismos de defesa para a Capitania em caso de emergência ante a fúria dos inimigos, principalmente os espanhóis!¹³

Foi preciso esperar muito tempo para que esse projeto se realizasse. Mas, em 1828, começaram as providências para a fundação de São Pedro de Alcântara. Chegaram em setembro de 1828, da Alemanha, centenas de imigrantes, em dois barcos, o *Luiza* e o *Marquês de Viana*.¹⁴ Os colonos, vindos da região de Eifel, foram alojados em Desterro, no Campo do Manejo, junto aos quartéis, e na praia da Armação da Lagoinha. Somavam ao todo 635 pessoas.¹⁵

¹⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 206.

¹¹ PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1988. p. 79.

¹² JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 21.

¹³ *Ibidem*, p. 29.

¹⁴ CABRAL, *op. cit.*, p. 207.

¹⁵ JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 32.



Mas foi uma história de muitas dificuldades para os colonos. Os imigrantes ficaram aguardando o transporte para o núcleo colonial em ociosidade, gerando a impaciência dos colonos. Ficaram muitos meses nessa situação. O motivo da demora era que as terras da colônia não haviam ainda sido demarcadas. Houve falta de decisões administrativas e de envio de recursos por parte das autoridades imperiais.

Homens acostumados a trabalhar ficaram ociosos em Desterro à espera de medidas do governo da província de Santa Catarina no sentido de instalá-los na futura colônia. Estavam desgostosos, em alojamentos humilhantes.

Não apenas impacientes estavam os colonos. Também começaram a ficar amedrontados ao saber que tribos indígenas habitavam o vale do Maruí, onde deveria ser instalada a colônia. Mas o governo imperial incentivou os imigrantes com a concessão de uma diária de 160 réis durante um ano, para cada colono que se deslocasse para o local onde seria instalada a povoação. O governo obteve sucesso com essa medida, pois os colonos se animaram a povoar o sertão catarinense.

Os imigrantes chegam em São José. Persistem os problemas: falta de ferramentas e de recursos financeiros atrasam os trabalhos de instalação da colônia. Mas em 1º de março de 1829, chega a notícia de que os colonos já estão instalados no sertão de São José:

[...] sabe-se, por carta subscrita pelo próprio diretor da colônia, que a leva inicial de imigrantes, aproximadamente 60 pessoas, já se encontrava alojada nas dependências de seu engenho localizado no sertão de São José, no vale do Maruí. Após terem feito derrubadas na mata, construíram uma palhoça com a extensão de 50 palmos de comprimento e implantaram parte da estrada (“até o ribeirão do Planxão”). Naquela data, estavam, de acordo com a carta do diretor, empenhados na edificação de mais uma palhoça e alguns barracões para a moradia provisória das famílias¹⁶.

Este dia, 1º de março de 1829, é considerado o dia da fundação da colônia, batizada de São Pedro de Alcântara em homenagem à família imperial.

Os trabalhos para o estabelecimento da colônia progrediam. Em 10 de maio de 1829, já havia 36 palhoças para a habitação provisória dos colonos. Uma parte da estrada também já estava pronta.

¹⁶ *Ibidem*, p. 35.



Os primeiros lotes de terra começaram a ser distribuídos. No entanto, percebeu-se que as terras supostamente férteis eram de qualidade mediana e, por vezes, inférteis. Devido ao relevo acidentado, havia poucas possibilidades de expansão da área agricultável.¹⁷

Em seu relatório, o presidente da província de Santa Catarina, marechal Francisco Soares d'Andrea, conclui que foi feita uma má escolha em relação ao terreno da colônia: “A colônia de S. Pedro foi desgraçada pela má escolha do terreno em que forão collocadas as pobres famílias: e seria ainda de equidade, offerecer terras gratuitas áquelas que se quizerem mudar, sem com tudo se lhes dar mais coiza alguma [sic]”¹⁸.

O governo também atrasava o prometido pagamento das diárias. Esses motivos causaram uma grande insatisfação entre os colonos. Muitas famílias acabaram deixando o núcleo colonial para instalar-se em São José, Desterro e no alto Biguaçu, dando origem à cidade de Antônio Carlos. Também foi solicitada ao governo a concessão de terras na região de Caldas do Cubatão, que hoje é Caldas da Imperatriz e Águas Mornas, mas esse pedido foi indeferido sob a alegação de que aquelas terras não eram devolutas e estavam longe da estrada para Lages.¹⁹

Uma parte das terras de São Pedro de Alcântara “estava onerada com títulos de propriedade mais antiga”²⁰. Isso provocou contendas, mas que foram resolvidas com a compra dos terrenos por parte dos colonos.

Várias promessas feitas aos colonos alemães foram descumpridas por parte do governo imperial: não receberam ferramentas, sementes, nem mesmo a diária prometida. O não pagamento dessa diária foi o principal motivo das insatisfações que surgiram entre os colonos.²¹

Mas apesar das dificuldades, a população de São Pedro de Alcântara aumenta. Em 1830, chegaram mais 14 famílias à colônia. No entanto, o ano de 1830 trouxe algumas desagradáveis surpresas para os imigrantes: dois temporais de granizo arruinaram as lavouras. E em 15 de dezembro daquele ano, o Império decreta a lei que cancela as despesas com a colonização nas províncias. O governo, assim, deixa de cooperar diretamente com a promoção e a direção da colonização.²²

¹⁷ PIAZZA, *op. cit.*, p. 85.

¹⁸ **DISCURSO** pronunciado pelo presidente da província de Santa Catarina, Francisco Jozé de Souza Soares d'Andrea, na sessão ordinária do ano de 1840, aberta no primeiro dia do mês de março. Cidade do Desterro: Typ. Provincial, 1840. p. 32. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/927/000033.html>>. Acesso em: 3 jun. 2007.

¹⁹ CABRAL, *op. cit.*, p. 208.

²⁰ JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 39.

²¹ CABRAL, *op. cit.*, p. 208.

²² JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 46.



Novamente, muitos dos colonos abandonam a colônia em direção a outros locais da província. Estabeleceram-se em Vargem Grande (Águas Mornas), em Belchior e Pocinho, no município de Gaspar, e também em Brusque. Mesmo assim, a colônia continuou a florescer.

Mais tarde, o governo construiu uma nova estrada em direção a Lages, paralela à anterior, terminando em Taquaras na Serra da Boa Vista, “de trânsito mais fácil e talvez menos íngreme, que subia o vale do Cubatão, via Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas”²³.

Parte do movimento da estrada de São Pedro de Alcântara passou para a nova estrada, causando a estagnação econômica do povoado. Em 1848, a colônia contava com 700 habitantes, mas segundo estimativas do Pe. Paiva, pároco do lugar, em 1845 a região poderia ter contado com 3 mil habitantes se não fossem todos os problemas ocorridos.

Mesmo vagarosamente, a colônia avança. Em 1844, é elevada a freguesia.²⁴ O presidente da província de Santa Catarina registra no mesmo ano o sucesso da colônia:

O assento da Colônia de S. Pedro d'Alcântara, no Districto de S. José, a primeira da Província, fundada com colonos alemães, por ordens do Governo Imperial em 1828, ainda que mal escolhida, nem por isso deixou de ser povoado e de estar hoje florescente a Colônia, d'onde já tem sahido bastantes Colonos emprehendedores, que entranhando-se e estabelecendo-se nos que outr'ora foram desertos das Caldas, cabeceiras de Biguassú, Cambriu, e Itajahí, atrahiram os Nacionaes, e hoje se vêem ahi muitos estabelecimentos destes [sic]²⁵.

Em 1854, a colônia contava com 1.500 habitantes. E foi prosperando. Hoje é um município catarinense, tendo obtido sua emancipação em 1994, desmembrando-se do município de São José. Tem hoje aproximadamente 3.800 habitantes.

São Pedro de Alcântara cumpriu o seu papel, apesar de todos os problemas, o descaso do governo, a falta de planejamento na sua instalação etc. Foi uma colônia que estabeleceu uma população rural, deu início à agricultura e preencheu um vazio demográfico no Sul do Brasil. Desse ponto de vista, foi muito bem-sucedida: “Esse núcleo colonial não foi apenas o pioneiro da

²³ *Ibidem*, p. 49.

²⁴ CABRAL, *op. cit.*, p. 209.

²⁵ Fala que o presidente da província de Santa Catarina, Antero Jozé Ferreira de Brito, dirigiu à Assembléia Legislativa da mesma província na abertura da sua sessão ordinária, em 1º de março de 1844. Cidade do Desterro: Typ. Provincial, 1844. p. 26. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/931/000028.html>>. Acesso em: 10 jun. 2007.



colonização alemã em Santa Catarina, tornou-se também, a *celula-mater* de inúmeras povoações”²⁶ do estado.

Podemos considerar que São Pedro de Alcântara foi uma terra de vencedores. Vencedores das adversidades de um país estranho, da terra inculta, do solo infrutífero, do descaso do governo e de outros contratempos.

Consideramos que uma grande qualidade dessa gente de São Pedro de Alcântara é a persistência.

²⁶ JOCHEM; ALVES, *op. cit.*, p. 52.

